

O AQUÁRIO FEMININO DE LYGIA FAGUNDES TELLES

Lucilene Canilha Ribeiro

Publicado no ano de 1963, *Verão no aquário* é o segundo romance da escritora paulista Lygia Fagundes Telles. A autora começou sua carreira literária aos 15 anos com a publicação do livro de contos *Porão e sobrado* (1938), porém a sua bibliografia atualmente só é considerada a partir do seu primeiro romance, *Ciranda de pedra* (1954). Isso porque a escritora julga que é neste momento que ela realmente atingiu a sua maturidade artística. Os três primeiros livros de contos, respectivamente, *Porão e sobrado*, *Praia viva*, *O cacto vermelho* tiveram suas reedições vetadas por Telles, relegando ao esquecimento os primeiros livros e deixando o privilégio de sua leitura a poucos colecionadores de obras raras.

Lygia Fagundes Telles possui uma carreira consolidada como artista, e pode-se dizer que possui uma certa estabilidade no cânone da literatura brasileira contemporânea. Isso se dá principalmente aos seus livros de contos, apesar de que romances como *As meninas* e *As horas nuas* tenham alcançado um patamar significativo frente ao público leitor. A bibliografia da autora conta com quatro romances, mais de quinze²⁶ livros de contos, quatro livros memorialísticos e um roteiro para cinema, escrito conjuntamente com seu marido e cineasta Paulo Emilio Salles Gomes, sob o título *Capitu*.²⁷ Seu último livro publicado em 2008, *Conspiração de Nuvens*, traz vários relatos biográficos temperados com um quê de ficção, segundo a própria autora. Uma obra sólida e já assimilada pela crítica, rendeu a escritora uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, sendo uma das poucas mulheres que ocupam um lugar na “casa do Bruxo do Cosme Velho”.

A escritora paulista não é uma advogada radical das causas feministas, mas nem por isso se pode negligenciar a grande quantidade de abordagens ao universo feminino em sua obra. Tal amplitude gera consequentemente um diverso olhar sobre mulheres de diferentes classes sociais, diversas idades, várias profissões. Ou seja, há dentro de toda a obra de Lygia Fagundes Telles um retrato multifacetado do universo feminino, mesmo que seu discurso não seja panfletário e nem se pretenda a isso. Sua abordagem ao universo feminino é evidente, mas no caso de Lygia como de muitos grandes autores, as suas entrelinhas dizem mais do que parecem dizer, o texto fala por si só, independente da opinião que a escritora costuma tecer em entrevistas.

Um desses casos é o romance *Verão no aquário*, onde nos deparamos com um universo feminino em conflito. A história é narrada em primeira pessoa através da personagem Raíza. É confeccionado aos olhos do leitor um universo fechado, claustrofóbico onde a filha, em constante conflito interno, acaba transferindo a sua agressividade para a figura da mãe. Seu desconforto com a mãe se transforma em disputa, incitada principalmente por duas figuras masculinas. São estas que trazem instabilidade a este universo regido por uma mulher: Patrícia, mãe de Raíza. É por esse eixo entre as duas personagens que o romance se desenvolve até atingir seu clímax.

²⁶ Número difícil de ser precisado devido ao alto número de coletâneas, reedições modificadas e até mesmo pela troca de editora que em alguns casos modificou o conjunto da obra.

²⁷ Trata-se de uma adaptação de *Dom Casmurro* de Machado de Assis para o cinema que foi para as telas no ano de 1968 sob a direção de Paulo César Saraceni.

Tratando-se de um relato em primeira pessoa, o grau de subjetividade é evidentemente maior, por isso o leitor tem acesso a opiniões, sonhos, pensamentos, devaneios, mas apenas aos de Raíza. A imagem dos demais personagens é traduzida ao leitor pela perspectiva da narradora. É também através dessa voz que o leitor descobre os demais componentes da trama que se apresentarão sempre sob o jugo de suas opiniões. Os outros só terão uma certa imparcialidade quando se apresentam os diálogos em discurso direto. Esse tipo de instância narrativa não-confiável, de acordo com David Lodge, não necessariamente indica que o narrador age com má intenção, mas serve “[...] para revelar a lacuna entre as aparências e a realidade e mostrar como os seres humanos distorcem e ocultam esta última.”²⁸ De acordo com essa afirmativa, Raíza é essa voz condutora que tira suas próprias conclusões e apresenta o seu mundo ao leitor permitindo-se usufruir a liberdade parcial de sua subjetividade.

Os personagens do romance estão, de uma maneira ou outra, ligados a casa onde Raíza vive com sua mãe, sua tia Graciana, a empregada Dionísia e eventualmente sua prima Marfa. A composição dessa família descrita vai de encontro com um núcleo familiar tradicional dos anos sessenta. O romance não possui nenhuma marca temporal que nos leve a apontar uma demarcação rígida da cronologia dos fatos, mas conclui-se que devido aos costumes, o enredo seria contemporâneo ao da publicação do romance, ou seja, por volta da década de 50 ou 60. A casa, herança da família materna, está sob a tutela de Patrícia que traz a esse universo uma aura de leveza e equilíbrio, como demonstra a opinião da narradora:

[...] O perfume discreto. O discreto colorido da boca. E os olhos largos e luminosos, irradiando uma luz que a envolvia como uma aura.²⁹

[...] Que espécie de beleza era aquela que parecia vir de dentro, tão mansa? Grave. Era incrível como enfrentava a claridade perigosa de um dia assim radioso.³⁰

Em Patrícia tudo é equilíbrio e precisão, tudo está no plano da ordem. Em contraponto Raíza demonstra um constante conflito com o mundo e consigo mesma. E talvez seja esse o elo de união das duas figuras antitéticas. Enquanto a filha é exuberante, sensual a mãe possui uma beleza ímpar, porém mais natural sem precisar recorrer a artificios externos. Patrícia não parece pertencer ao mesmo plano dos demais, sua magnitude a eleva e a consagra como o centro daquele universo. Seu equilíbrio, físico e emocional, reflete na maneira como conduz os demais e na maneira como busca restabelecer a ordem.

Levando-se em consideração a situação social das décadas 50 e 60 no Brasil onde a mulher ainda vivia, em sua maioria, sob o jugo da casa e do casamento, constata-se que Telles se mostra no mínimo com um pensamento diferente do vigente. Patrícia é uma mulher independente, tanto no período em que é casada, quanto na viuvez. Isso vai de encontro com o comportamento da massa feminina desse período. Apenas alguns anos depois, mais precisamente no final dos 60 e início dos 70 é que vai ocorrer uma grande manifestação nos Estados Unidos a favor dos direitos da mulher. É a partir desse marco histórico que as mudanças em prol da mulher e de sua independência começam a aparecer efetivamente. Antes disso, alguns direitos já tinham sido alcançados, mas a modificação de uma luta esparsa, empregada por algumas representantes para um engajamento unificado e massivo só ocorreu no período da contracultura. Lygia de certa forma antecipa o perfil da mulher atual, fruto dessa abertura causada pela reforma de um pensamento tradicional/patriarcal. A independência feminina não afeta somente à Patrícia no romance. Em estágios diferentes de um

²⁸ LODGE, David. O narrador não-confiável (Kazuo Ishiguro). In: _____. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

²⁹ TELLES, Lygia Fagundes. *Verão no aquário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. pág. 50.

³⁰ Op. cit., pág. 88.

estado de libertação, Marfa e Raíza, também compartilham dessa realidade nova até então. Marfa começa o romance não ainda muito estável mas ao fim já está totalmente independente com o seu trabalho de tradutora e pensa inclusive em ajudar a tia nas despesas. Raíza, ainda em um estado incipiente, tenta submergir para esse mundo. Parte de seus conflitos giram em torno desse aspecto, o de querer libertar-se, de tentar ser útil. Ao fim da história encontra-se uma Raíza mais amadurecida, porém ainda não independente. Essas três mulheres representam o estágio de libertação e independência da mulher através do trabalho e não do casamento. Nenhuma delas busca na vida matrimonial a solução para as suas vidas, o que seria totalmente plausível para a época.

Em oposição a um pensamento patriarcal, as mulheres de *Verão no aquário* (com exceção de Graciana que pode ser lida como o protótipo da mulher com dotes “femininos”)³¹ trabalham em profissões consideradas masculinas. Virginia Woolf em seu livro *Um teto todo seu* já declara que existiam profissões tipicamente masculinas e outras femininas. A partir disso, refletia sobre o dia em que mulheres e homens exercessem igualmente os cargos que pretendessem sem se preocuparem com tabus sexuais. Neste romance a autora avança o pensamento de sua época em colocar mulheres exercendo profissões como a de romancista, profissão que era digna apenas para os homens, as meninas são tradutoras, uma profissão que segundo Woolf já serviu para algumas mulheres do século XIX que ajudarem com as despesas do lar. Porém, o avanço maior se dá na independência das mulheres que exercem as profissões não para ajudar no sustento da casa que em tese seria regida pelo homem, mas sim para elas se sustentarem a sua casa e sua família.

Além disso, a personagem possui uma profissão também desafiadora para a época: ela é escritora e, por conseguir manter uma casa e ainda sustentar economicamente alguns parentes que a cercam, entende-se que seja uma autora de sucesso. Isso seria impensável em uma época e lugar tão arraigadamente tradicional como é o espaço do romance. Apesar de não se ter em nenhum momento uma citação do livro de Patrícia, onde se pudesse avaliar a sua escrita ou alguma opinião que emitisse que seus livros trazem em si alguma mensagem e apoio ao mundo feminino, a profissão exercida, por si só, já é transgressora.

A personagem Patrícia, como já se viu, dá suporte financeiro à família através de seus livros. Todos dependem dela seja economicamente. Através das reclamações de Raíza sabe-se que sua mãe dedica muito mais tempo a sua literatura do que a ela. A escritora fecha-se em seu quarto e de fora apenas se escuta o barulho das teclas da máquina de escrever. Fechada em seu cosmos particular Patrícia parece estar acima dos demais moradores do seu lar, dedicada a um trabalho divino, o da criação. Mas, apesar desse falso desligamento com os demais, a personagem escritora consegue observar a todos e manter, de certa forma, o controle sobre eles, construindo uma imagem divina onisciente e onipresente.

A casa funciona como um microcosmo onde circulam os personagens e este cosmo é regido pela mão de Patrícia. Todos os personagens, em maior ou em menor escala, encontram-se em algum momento na casa, ou melhor, naquele aquário como o próprio título sugere. Mesmo os que não pertencem à família acabam tendo uma passagem importante pelo local como André. Ele busca naquele lar a paz que não consegue alcançar em outro lugar e é Patrícia que, com seu equilíbrio, tenta manter o rapaz em harmonia. A amizade entre os dois é vista de maneira distinta pela personagem narradora. Raíza acredita que sua mãe tem um caso com o seminarista, porém o leitor só terá suspeitas dessa relação, pois em nenhum momento isso será confirmado.

³¹ A personagem Graciana, por sua vez, vive enclausurada em um quarto convivendo com seus objetos antiquados. O espaço aqui corrobora com a idéia de que aquele tipo de mulher é praticamente uma peça de museu. Em suma, um protótipo decadente.

O espaço da casa ajuda a constituir a identidade da personagem Raíza. A menina/mulher tem uma relação íntima com o lugar onde conviveu com seu pai. Entre eles parecia haver muita cumplicidade e muito carinho, laços que foram rompidos pela morte da figura paterna. Mesmo sem ter nenhum envolvimento com a morte, já que essa foi natural, Raíza culpa sua mãe por essa ausência e a justifica apoiando-se na ausência dela e a dedicação aos seus livros. As lembranças de Raíza com o pai são especialmente situadas no sótão, onde os dois junto com tio Samuel (agora louco e internado em um hospício) passavam os melhores momentos. É neste ambiente escondido, para onde vão todas as coisas sem utilidade, que pai, filha e tio sentem-se melhor. Existe neles um deslocamento, um sentimento de não pertencimento que os leva a habitar lugares mais recônditos dentro do lar. Isso complementa a identidade de ambos, já que um possui problemas mentais que o levarão mais tarde a uma internação em uma clínica psiquiátrica, enquanto o outro, Giancarlo, pai de Raíza, entrega-se ao vício da bebida e Raíza cresce com suas raízes um pouco frouxas, tentando encontrar seu lugar no mundo sem saber ao certo o que quer, conflito que a deslocará do centro como os demais. Apenas Patrícia parece ter capacidade para estabelecer-se em tal posto, visto que mantém o equilíbrio constantemente.

Entende-se que a família de Raíza constitui-se em uma relação de dependência com Patrícia (Giancarlo depende da astúcia da mulher para não perder todo o patrimônio, Samuel precisa de alguém que zele por sua saúde mental, Marfa tem na figura da tia o seu porto seguro, Graciana depende da irmã, pois sua única esperança era o casamento e como este não ocorreu ela ficou trancada em seu quarto de costuras). A relação com a filha é a mais problemática devido ao conflito entre ambas. A dependência neste caso se dá pela necessidade que a filha tem de sanar suas frustrações desafiando a mãe. Raíza é o ser rebelde que quer romper com a ordem que a mãe estabeleceu dentro da casa, seja ela qual for. André, um elemento externo, que aos poucos se aproxima da casa busca naquele lar a paz que não consegue alcançar em outro lugar. Todos giram em torno a esse astro de maior grandeza que dá vida e rege o seu microuniverso. Essa apresentação de Patrícia como manifestação suprema é complementada com a sua postura de escritora, criadora de mundos, onde segundo Raíza todos são perfeitos como ela.

Por outro lado, Patrícia tem consciência de que seu mundo faz parte de um universo maior, onde quem faz as leis não é ela. A escritora fala para a sua filha que não se iluda com a vida dentro daquela casa, dentro daquele aquário, pois as verdadeiras angústias, os verdadeiros conflitos estavam lá fora. Lygia Fagundes Telles usa a imagem do aquário como Sylvia Plath³² usa a idéia da redoma de vidro para manifestar uma situação de aprisionamento, de sufocamento em seu romance *The bell jar*. Em um diálogo discutem abertamente a metáfora do aquário olhando para o objeto que possuíam em casa (Raíza começa):

[...]

- Vou pedir à titia que vista uma roupa de fada e me transforme num peixe. Deve ser boa a vida de peixe, murmurei tentando sorrir.
- Deve ser fácil. Aí ficam eles dia e noite, sem se preocupar com nada desde que há sempre alguém para lhes dar de comer e trocar a água... Uma vida fácil, sem dúvida. Mas não boa. Não se esqueça de que eles vivem apenas dentro de um palmo de água quando há um mar lá adiante.
- No mar seriam devorados por um peixe maior, mãezinha.
- Mas pelo menos lutariam. E nesse aquário não há luta, filha. Nesse aquário não há vida.

³² *The bell jar*, título original em inglês, foi escrito em 1961, dois anos da escritora suicidar-se. Neste ano de 1963, Lygia Fagundes Telles publica *Verão no aquário*. Apesar da coincidência de datas, não se pode afirmar categoricamente a influência que um possa ter sobre o outro devido à falta de evidências que comprovem tal fato.

A alusão não podia ser mais evidente. Estou me despedindo do meu aquário, mamãe, estou me preparando para o mar, não percebe?³³

Raíza quer o mar, prepara-se para a luta, prepara-se para a vida que a espera fora daquele universo. Não quer mais aquela vida de reclusão e proteção. Quer desprender-se da cômoda proteção da mãe. Por outro lado, André tenta fugir da luta externa refugando-se nessa ambiente.

Em busca dessa libertação, nota-se que a luta para romper com essa prisão de vidro, que aprisiona mas deixa ver o que tem lá fora, ao mesmo tempo em que expõe aquilo que guarda, reflete-se no convívio com a mãe. A filha vive em constante conflito consigo mesma e em disputa com sua mãe. A desestabilidade na relação familiar entre mãe e filha se manifesta, principalmente, pela inserção e exclusão de seres do sexo masculino. Primeiramente com a morte do pai de Raíza e após com a aproximação de André, um ser com características apolíneas (como os personagens dos livros da matriarca) que se insere nesse lar atraído primeiramente pelos romances de Patrícia. Os dois homens provocam em Raíza uma necessidade de possuí-los e ela sente que para isso a mãe será um obstáculo. No relacionamento com pai percebe-se que há entre os dois uma extrema cumplicidade que não existe com a mãe. Patrícia parece, aos olhos de Raíza não entender e nem perdoar o pai alcoólatra. Por outro lado, a tia Graciana defende que a irmã dizendo que ela amava muito o marido, mas a situação da família exigia que alguém tomasse as rédeas da situação.

André, o seminarista que possui diversas dúvidas sobre sua vocação sacerdotal, desperta em Raíza o desejo de rivalizar com a mãe. O jovem aproxima-se de Patrícia, porque é um dos seus leitores e admira muito seus livros. Este é um ponto que deixa Raíza em desvantagem, já que ele idolatra tanto a matriarca e parece não notar (ou não querer notar) a presença da moça. Raíza não espera por ele, toma a iniciativa, insinua-se e invade o quarto de pensão onde ele mora. O assédio acaba gerando uma noite de amor (ou simplesmente sexo) e sequencialmente em uma tragédia. Essa aproximação da mulher ao homem também mostra um indício de ousadia, já que os galanteios deveriam sempre partir do homem. Só quem não era uma moça de família é que poderia se dar ao luxo do contrário, mas nesse caso é uma moça de família (não podendo afirmar-se o contrário) que parte em busca de sua conquista.

Porém a caça não é bem sucedida, já que Raíza não se sente à vontade quando finalmente consegue ter André. Ela o deseja por tanto tempo e é tão difícil conseguir persuadi-lo que quando consegue o seu único sentimento é um vazio, uma sensação estranha que ela não sabe explicar ao leitor. E como se isso não bastasse, há o desfecho trágico mas que para ela significa um ponto final nas turbulências vividas até ali. A disputa com a mãe que de certa forma dava sustentação a ela também se acaba nesse momento. A ordem parece finalmente estabelecer-se naquele aquário.

Criando o seu próprio mundo

A personagem Patrícia, como citado anteriormente, é uma escritora e provavelmente de livros muito vendidos. O único leitor que aproxima da escritora é André, um jovem rapaz que vive só na cidade. Porém Raíza corrobora com a idéia de que a mãe realmente possui um público leitor, quando afirma em diálogo com um vizinho:

³³ Op. cit., pág. 109.

[...]

- Ela está para publicar um livro, pois não? Sou seu leitor dedicado.
- Todos nós somos.³⁴

A narradora é quem dará as opiniões acerca da literatura feita pela personagem. É através de seu discurso que se tenta concluir o tipo de obra escrita por Patrícia, levando em conta que essa opinião estará a todo momento envenenada com o desejo da disputa de André com sua mãe. Isso leva a um claro desmerecimento da arte da progenitora.

A personagem é uma criadora incansável, a dedicação ao trabalho chega a incomodar a filha que logo no início do romance diz: “Se ao menos minha mãe parasse de escrever, se descansasse por um minuto que fosse, aquela máquina implacável.” (p. 10). Patrícia dá a luz a diversos personagens e isso causa desconforto a Raíza já que essa se sente deixada de lado pela mãe. Segundo o psicanalista Otto Rank: “O artista, ao criar seres humanos segundo sua própria imagem, caracteriza sempre novos, constantemente repetidos, atos de nascimento, ‘e dá-se ele próprio à luz, rodeado das dores maternas da criação.’” (p. 199)³⁵. A artista aqui também pode ser vista como a representação matriarcal da criação e controle. Patrícia cria e ordena o mundo ao seu redor, reina absoluta em seus livros e em sua casa, seu aquário.

Ainda para Rank, existem três tipos de seres humanos, aos quais ele chama de homem médio, o neurótico e o criador. O homem médio seria aquele que guarda suas fantasias para si, o neurótico seria aquele que as recalca e o criador seria aquele que revela suas criações/fantasias ao mundo. Raíza e Patrícia são personagens que podem ser encaradas como exemplos da teoria de Rank, sendo que Raíza seria a neurótica e Patrícia, obviamente, a criadora. Para o neurótico suas vontades são danosas, porque ele sente que é mau frente ao julgamento da sociedade e de si mesmo. Isto o leva a uma sensação de não pertencimento, a uma revolta contra si mesmo, contra sua vontade. De certa forma, a teoria ajuda a esclarecer a perturbação de Raíza que luta o tempo todo contra algo não muito definido. Por outro lado, Patrícia, a criadora, afirma sua vontade, também sente culpa, mas não deixa que isso a torne inferior, a transforma em estímulo para criar. É o que Rank chama de “culpa criadora”, que impulsiona o artista a expor suas fantasias. Patrícia não se sente acuada frente a sua ânsia de escrever, assume as rédeas e inventa seu mundo.

Raíza também passa grande parte de seu tempo imaginando situações e cenas que poderiam estar acontecendo, principalmente entre André e sua mãe. Porém, sua imaginação é censurada pela sociedade (em determinado momento Marfa a repreende) e por si mesma, chegando a ser severa no julgamento de si mesma. Em certo momento do romance declara a sua mãe que também irá escrever e que criará uma história muito diferente das escritas por Patrícia. Será mais ousada e mais realista, segundo ela própria:

[...]

- E vou também escrever uma peça, disse rapidamente. Uma peça que se passa no banheiro, você sabe, as conversas mais íntimas, as confidências mais importantes a gente faz no banheiro, é o lugar ideal para as confissões... [...] Os seus heróis não frequentam o banheiro, imagine que vulgar! [...] Eu sei que você não gosta de chocar o leitor mas minha escola já é outra.³⁶

³⁴ Op. cit., pág. 99.

³⁵ Ver MULLAHY, Patrick. *Édipo: mito e complexo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

³⁶ Op. cit., pág. 51-52.

Mas, há também neste exemplo, uma certa censura dela própria quanto as suas idéias. Enfim, ela não consegue calá-las e nem expô-las, já que até o fim do romance não escreverá uma linha. Raíza declara em outro momento do texto que já tentou ser artista, tocar piano, mas a insatisfação consigo mesma a fez desistir da música. Mais um exemplo do quanto a personagem mutila suas capacidades criadoras.

Patrícia fechada em seu quarto, como se tivesse ouvido o conselho de Virginia Woolf³⁷, se isola do caos que a cerca e a partir de sua máquina de escrever cria o seu mundo. Mundo de ficção com seres magníficos, segundo a opinião de André e pouco normais de acordo com Raíza. Sua manipulação vai além da literatura e passa a sua vida real, quando de uma forma ou de outra passa a ser eixo central dos habitantes da casa. A protagonista identifica a relação mútua de influência entre as criações de Patrícia e eles próprios, como quando diz:

[...] Os personagens da minha mãe. Os jovens tinham sempre um pouco de André nos maxilares apertados, na paixão do olhar, tão contidos e graves, de uma gravidade absurda amordaçando os mais saudáveis impulsos.³⁸

Ou então quando pensa a reação de sua mãe frente a sua morte:

[...] E de tudo o que eu fui e de tudo que fiz conservaria apenas a lembrança, talvez do reflexo da chama da vela em meu cabelo. De tudo, ficaria apenas aquele efeito de luz no meu cabelo. E que um dia ela poderia aproveitar num dos seus personagens, um personagem louro que morreu jovem.³⁹

O desfecho trágico do romance realça ainda mais a importância de Patrícia para o reestabelecimento da ordem. Ela foi a única que se manteve estável em toda a trama e que mediou, de certa forma, a relação entre André e Raíza. Tal relação desde o início, se deve a frágil estruturação psicológica dos dois personagens.

Ao final do livro, a personagem Raíza revela-se amadurecida. A ausência de André faz com que mãe e filha se reaproximem. É só a partir da morte dele, da extinção do ser masculino perturbador, que o aquário retoma sua ordem. Foi necessário a extinção ou exílio (Giancarlo, tio Samuel e André) dos seres masculinos da casa para que houvesse paz no ambiente.

Conclui-se que Lygia Fagundes Telles constrói o romance *Verão no aquário* revelando a seus leitores a perspectiva de um mundo novo: o mundo feminino. Há uma antecipação alegórica do universo feminino que se cria após os movimentos contraculturais. As mulheres, nesse romance, em momento algum defendem explicitamente sua luta por direitos igualitários na sociedade. Elas criam seu mundo, se inserem firmemente na sociedade e desobstruem os caminhos que querem percorrer. Enfim, os seres femininos deste aquário são independentes e antecipam a posição que a mulher alcançaria anos depois, quando essas puderam optar por enfrentar o mar ou ignorar a luta e protegerem-se em suas paredes de vidro.

³⁷ A escritora inglesa Virginia Woolf em seu livro, aclamado por todo o mundo, *Um teto para todos* defende a tese principal de que a mulher necessita de condições econômicas estáveis para poder se dedicar à arte. Com isso ela aborda sobre o tema da privacidade e as condições econômicas satisfatórias para que se possa exercer o ofício artístico. Para ela a mulher deveria ter os mesmos direitos e recursos que os homens.

³⁸ Op. cit., pág. 12

³⁹ Op. cit., pág. 8.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Cadernos de literatura brasileira: Lygia Fagundes Telles. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2002.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

_____. *O segundo sexo: a experiência vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DOWNLING, Colette. *Complexo de Cinderela*. São Paulo: Melhoramentos, 1987.

KRISTEVA, Julia. *As novas doenças da alma*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

LODGE, David. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2009.

MULLAHY, Patrick. *Édipo: mito e complexo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

PLATH, Sylvia. *A redoma de vidro*. São Paulo: Globo, 1991.

TELLES, Lygia Fagundes. *Verão no aquário*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.